

Handebol de Areia

Bicampeonato Mundial é fruto da profissionalização

A equipe da E.F. esteve com a Prof. Claudia Monteiro do Nascimento (CREF 001383-G/SC), técnica da Seleção Brasileira de Handebol de Areia Feminina e o que ficou bastante claro nesta entrevista é que a regulamentação do setor foi fator preponderante para as recentes conquistas da modalidade. Vamos saber um pouco mais sobre este trabalho...

Profissionalização = Conquistas

A questão fundamental que se apresenta é a de que equipe que trabalha na comissão técnica da Seleção Brasileira de Handebol de Areia é formada por cinco profissionais da área de Educação Física. A Prof. Claudia destaca a importância da formação, citando que “na busca pelo conhecimento, os profissionais habilitados se prendem em dados científicos e isto é imprescindível para o alto nível. Todos os detalhes são profundamente estudados...”

Ainda segundo a Prof. Claudia, o Bicampeonato Mundial conquistado no Rio de Janeiro, em novembro de 2006, (o primeiro foi em 2005, na Alemanha), “foi uma prova de que profissionais habilitados e competentes fazem a diferença.”

Ela também ressalta que o sucesso e as conquistas alcançados representam uma abertura de mercado importante para a categoria. “Abre-se um espaço enorme com as conquistas do handebol de areia. O país é enorme e temos muitos espaços ociosos onde podemos difundir a modalidade, visto que em um campo de areia, na praia ou onde mais tivermos espaço, poderemos adaptar a modalidade.”

A Confederação Brasileira de Handebol, seguindo as de Voleibol e a de Ginástica, é mais uma que tem o compromisso de exigir que os técnicos e preparadores sejam profissionais habilitados. Fica evidente que não é por pura coincidência que estas modalidades têm conseguido resultados expressivos em torneios internacionais.



Trajectoria atleta – profissional – técnica

A técnica Claudia nos conta um pouco de sua trajetória e ratifica o compromisso do Profissional de Educação Física com questões que estão muito além das técnicas e táticas. “Por ser atleta, me identifiquei imediatamente com a profissão. Quando o professor precisava de ajuda, eu estava sempre disponível a ajudar e, assim, comecei a tomar gosto por trabalhar com pessoas... A gratificação de saber que o aluno apreendeu é fascinante e instigante. O prazer de fazer o que gosto e ter o privilégio de defender meu país.”

Depois de seis anos como atleta da Seleção Brasileira de Handebol de Quadra e mais um ano no Handebol de Areia, surgiu a oportunidade de comandar a seleção. “Encarei a oportunidade como um enorme desafio. As oportunidades que tive como atleta me fizeram crescer e assimilar muito conhecimento. Como Profissional habilitada, era chegada a hora de retribuir.”

Claudia acredita que o ex-atleta tem muita vivência e experiência a passar, “mas não é o suficiente para assumir uma academia, uma equipe, uma sala de aula... A formação acadêmica, que é o tempo de apreendermos realmente o necessário para passarmos aos nossos alunos/atletas, o momento de trocar idéias com professores, de fazer estágios e até mesmo de errar, é fundamental”, enfatiza.

Formação de novas gerações

Em seu cotidiano de seleção, Claudia se concentra nas questões formativas do atleta de alto rendimento, mas também demonstra preocupação na formação de novas gerações de atletas e de cidadãos. Mesmo tendo a nítida noção de que os clubes têm uma visão mais imediatista de renovação e de buscar novos talentos que substituirão atletas que são chamados para atuar fora do país ou que simplesmente abandonam o esporte pelas mais diversas motivações, ela entende que, na busca/criação de novos talentos ou na busca pela inclusão social, não há como trabalhar sem se passar o mínimo de noções de cidadania às crianças envolvidas. “Somos formadores de caráter e educadores físicos. Não podemos trabalhar separadamente somente a questão motora”, afirma.

Sensibilizando a sociedade e os futuros profissionais

Claudia percebe de “maneira clara e segura” que a Profissão evoluiu muito no sentido de que seus Profissionais têm procurado, cada vez mais, a atualização, a reciclagem profissional, buscando a formação contínua e especializada. Segundo ela, o campo de trabalho está cada vez mais restrito e, com a profissionalização da Educação Física, somente os profissionais habilitados, competentes, éticos e atualizados ampliarão suas oportunidades profissionais.

Com relação à campanha de Valorização do Profissional difundida pelo CONFEF, Claudia sugere que se aprofunde mais o trabalho de divulgação aos órgãos e entidades que dirigem o esporte no país e aos atletas. “É preciso sensibilizar os atletas a procurarem a graduação, com um trabalho incessante e dirigido na mídia... Informação direta na cabeça destes atletas.”

Responsabilidade social

Claudia ainda acha tempo para participar do projeto Esporte nos Bairros, em Itajaí – SC, da Associação Desportiva Itajaense. O projeto envolve mais de 4.500 crianças. “Trabalho com crianças da rede municipal de ensino. Temos quase 200 crianças da comunidade envolvidas, divididas nos diferentes bairros da nossa cidade. Está sendo uma experiência ótima poder ter contato com estas crianças, com sede de apreender, de querer ter um grupo social, de querer estar ali para poder estar com um amigo se divertindo e interagindo com o grupo. É inserção social mesmo”, comemora.

O trabalho é realizado de uma forma muito lúdica, aproximando as crianças do handebol de areia. “Muito mais que trabalhar a especificidade da modalidade, temos muitos exemplos de amizade, de honestidade, de cumplicidade, de afeto mesmo, coisas que já estão tão deterioradas em alguns grupos sociais, e, aqui, resgatamos esta parte importantíssima da infância nas nossas crianças... Exemplos de cidadania são passados e recebidos pelas crianças diariamente. Claro que também revelamos talentos, mais este não é o objetivo principal.” 